

PERFIL

Um artista marcado pela INVENÇÃO

Autor de premiados objetos cinéticos e de criações menos célebres, como uma máquina de abrir coco, Abraham Palatnik, aos 84 anos, segue longe do discurso intelectualizado que ronda a sua obra

AUDREY FURLANETO
audrey.furlaneto@oglobo.com.br

Reposam sobre a mesa da sala de Abraham Palatnik, com vista para a Enseada de Botafogo, dois grandes retângulos de madeira pintados de vários tons, do azul ao vermelho. Sobre cada um deles está uma tira de papel com o texto: “Não pode, não!” É um aviso do artista de 84 anos para que ninguém no apartamento, onde vive há 40 anos, decida tocar em seus trabalhos ou mudá-los de lugar. O mesmo alerta ele grudou na testa numa noite em que a mulher, dona Léa, morta no início do ano, decidira aparar suas vastas sobrancelhas brancas — “Não pode, não. São minhas anteninhas com o mundo”, avisou à sua companheira de mais de 60 anos.

Palatnik trabalha diariamente no amplo apartamento que, com a saída de seus três filhos (Roni, Beny e Elisa), acabou tomado por seus inventos — obras e máquinas que cria conforme surgem demandas e ideias. É assim que o artista, que abre exposição em São Paulo, na galeria Nara Roesler, no dia 20 de outubro, soma ao título de pioneiro da arte tecnológica no Brasil a designação de inventor.

Ele é dono de patentes de máquinas como uma engenhoca que abre a grossa casca do coco babaçu sem ferir a amêndoa do lado de dentro. Inventou um mecanismo para resolver dificuldades na produção da farinha de peixe e montou sozinho um maquinário para criar objetos de resina — para espanto dos engenheiros noruegueses enviados pela marca do equipamento ao país só para fazer o serviço.

‘OBJETOS CINECROMÁTICOS’

Palatnik manteve uma indústria de móveis e a de objetos em resina, que exportou para 14 países. Ao mesmo tempo, expunha na Europa seus mais importantes trabalhos, os chamados “objetos cinecromáticos”, nos anos 1960 e 1970.

— Papai nunca teve um discurso sobre a arte. Chegou até a inventar um texto de tanto que pediam, mas ele próprio nunca teorizou — conta Roni Palatnik, que trabalha na área de cinema e vem gravando entrevistas com o pai para um documentário. — Há uma certa mística em torno do trabalho de um artista, mas papai sempre esteve distante dela.

No sofá de casa, Palatnik pai, com confortáveis sandálias de borracha, calça e camiseta em tom pastel, sorri para o filho:

— Teorizar nunca foi o meu forte. Eu inventei um sistema de mover uma máquina para conseguir um efeito estético. Isso é invenção, não é? — diz.

Quando fala de seu primeiro “Aparelho cinecromático” (obra que conjuga luz, cores e movimento acionado por pequenos motores), em 1951, o que gosta de repetir é que foi preciso quebrar parte da janela para descer o trabalho rumo

ao caminhão que o levaria até a 1ª Bienal de São Paulo.

— Eu olhava e pensava: “Isso não vai chegar inteiro a São Paulo” — lembra, rindo. — O trabalho já tinha sido recusado porque não se enquadrava em pintura, gravura ou desenho. Só entrou na Bienal porque a representação do Japão não conseguiu chegar à mostra e sobrou uma sala.

Aquele “Aparelho cinecromático”, então, acabou levando o prêmio especial do júri internacional. E Palatnik começou a viajar com suas invenções pelo mundo — no Rio, dona Léa, sua companheira, tomava conta dos filhos ainda pequenos que se divertiam entre as ferramentas do pai artista e inventor. Roni, por exemplo, tentando fazer funcionar um objeto criado por ele inspirado no pai, botou fogo na cama. Palatnik gosta da memória:

— Não dei bronca, não. Dei um disjuntor, para não pegar fogo de novo — diz, rindo.

Elétrica e motores de explosão estão entre as especialidades de Palatnik. Filho de ju-

“

“Teorizar nunca foi o meu forte. Eu inventei um sistema de mover uma máquina para conseguir um efeito estético. Isso é invenção, não é?”

Abraham Palatnik
Artista plástico

deus russos, nascido em Natal, ele migrou para uma região da Palestina, hoje Israel, ainda criança. Lá, estudou e trabalhou com motores. Lembra-se de receber da mãe a marmitta que o alimentaria durante o trabalho numa mecânica de carros de guerra. Tinha 14 anos e pintava paisagens à noite. Por muito tempo, a pintura foi seu principal sustento até que, já de volta ao Brasil, em 1948, conheceu Almir Mavignier.

O nome do pintor é um dos mais citados por Palatnik quando relembra a própria história. O amigo, que hoje mora na Alemanha, foi responsável pela guinada de sua carreira rumo aos cinecromáticos. Foi Mavignier quem levou Palatnik ao Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, fato que mudou radicalmente sua obra — ele encantou-se pela arte distante do academicismo e passou a relacionar mais livremente formas e cores.

— Por muitos anos, fomos ao hospital toda semana. Levávamos tinta, tela e outros materiais para os artistas — lembra.

“

“É um nome fundamental da arte brasileira, não só pelo pioneirismo na arte tecnológica, mas por antecipar a arte construtivista”

Frederico Morais
Crítico de arte

Na mostra que Palatnik abre em outubro na galeria Nara Roesler estão alguns cinecromáticos e suas telas mais recentes, feitas de filetes de madeira organizados de forma a criar a ilusão de movimento.

— Mesmo quando retoma a pintura, continua sendo um artista cinético — afirma o crítico Frederico Morais, que conheceu Palatnik nos anos 1960 e até hoje o encontra, semanalmente. — Nunca foi um pintor tradicional, trata o quadro de forma distinta, não usa pincel e faz da tela apenas suporte para outros materiais.

Morais, um dos mais principais críticos do país, defende a importância de Palatnik:

— Ele é um nome fundamental da arte brasileira, não só pelo papel pioneiro na arte tecnológica, mas por antecipar a arte construtivista e estar na formação do Grupo Frente. Em certo momento, chegou-se à ideia de que Palatnik foi pioneiro da arte tecnológica e parou aí. Mas ele segue inventando no plano bidimensional. A marca dele é a invenção. ●



Permanência.

Laureado na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, Palatnik, que em outubro vai expor em SP seus “Aparelhos cinecromáticos” e telas mais recentes, que trazem a ilusão de movimento, trabalha todo dia no apartamento onde mora há 40 anos